



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

# IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 12, Issue, 04, pp. 55081-55086, April, 2022

<https://doi.org/10.37118/ijdr.24264.04.2022>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## ELEMENTOS TÉCNICOS E TIPOLOGICOS NA CERÂMICA ARTESANAL PRODUZIDA NO QUILOMBO DE ITAMATATIUA, ALCÂNTARA, MARANHÃO<sup>1</sup>

Arkley Marques Bandeira<sup>2</sup>, Suelen Cipriano Milhomem Dantas<sup>3</sup>, Vanessa de Matos Tavares Cogo<sup>4</sup>, Vitor Davi Barros De Souza<sup>5</sup>, Fernanda Lopes Viana<sup>6</sup>, Yuri Sampaio Capellato Logrado<sup>7</sup>, Conceição de Maria Belfort de Carvalho<sup>8</sup> and Klautenys Dellene Guedes Cutrim<sup>9</sup>

<sup>1</sup>O Presente Artigo Recebeu Apoio Financeiro da Chamada Interna nº 02/2021 – PGCult – UFMA, auxílio financeiro da CAPES – Brasil; <sup>2</sup>Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCult) da Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil; <sup>3</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCult) da Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil; <sup>4</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCult) da Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil; <sup>5</sup>Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCult) da Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil; <sup>6</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCult) da Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil; <sup>7</sup>Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCult) da Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil; <sup>8</sup>Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCult) da Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil e <sup>9</sup>Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCult) da Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil.

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 17<sup>th</sup> January, 2022

Received in revised form

10<sup>th</sup> February, 2022

Accepted 02<sup>nd</sup> March, 2022

Published online 22<sup>nd</sup> April, 2022

#### Key Words:

Ceramistas; Quilombo; Itamatatiua;

Produção; Fazer tradicional; Ancestralidade.

#### \*Corresponding author:

Arkley Marques Bandeira,

### ABSTRACT

O presente artigo visa promover o estudo da produção das ceramistas num dos mais antigos Quilombos do Maranhão, localizado no povoado de Itamatatiua, Alcântara, Maranhão. A partir de reflexões depreendidas em fundamentação teórica que perpassa autores como Cestari (2014), Pereira Junior (2011, 2012), Oosterbeek e Reis (2012), Silva e Garcia (2015), bem como em visita local no povoado, para desenvolvimento de pesquisa etnográfica, entendeu-se a importância do fazer tradicional como herança cultural, econômica, produtiva e social; mas também ferramenta de comunicação com as novas gerações e reconhecimento de um patrimônio imaterial.

Copyright©2022, Rodrigo Wasem Galia et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Arkley Marques Bandeira, Suelen Cipriano Milhomem Dantas, Vanessa de Matos Tavares Cogo et al. "Elementos técnicos e tipológicos na cerâmica artesanal produzida no quilombo de itamatatiua, alcântara, maranhão", *International Journal of Development Research*, 12, (04), 55081-55086.

## INTRODUCTION

Ao longo dos estudos sobre a produção ceramista de Itamatatiua percebe-se que esta foi pesquisada em larga escala, contudo sem considerar reflexões acerca da formação histórica do Quilombo na mesma região e o fazer da cerâmica em caráter ancestral. Desde as primeiras aproximações com as ceramistas de Itamatatiua, surgiram muitos questionamentos: Qual a origem da cerâmica de Itamatatiua? Como ocorreu a transmissão desse ofício? Trata-se de um saber herdado dos povos indígenas que vivem na região, reconhecidamente exímios ceramistas? Ou esse modo de saber migrou juntamente com as etnias africanas escravizadas que foram traficadas para Alcântara ao longo de quase três séculos e atuou como um mecanismo de resistência cultural? Ou o ofício ceramista foi ensinado pelos

Carmelitas quando da exploração econômica das fazendas e olarias, aproveitando ainda mais a disponibilidade da mão de obra? Além disso, a história oral aliada à pesquisa documental e arqueológica poderiam trazer pistas sobre esses questionamentos? Diante dessas problemáticas e do fato de Itamatatiua ser uma das últimas, se não, a última comunidade quilombola em toda a cidade de Alcântara em que a produção de cerâmica é mantida como prática coletiva, viu-se a necessidade de registrar esta pesquisa como nova fonte de referencial e etnografia. Diz-se isto, pois, embora as louceiras mais idosas ainda dominem a técnica de manufatura em outras comunidades de Alcântara, é em Itamatatiua que ela permanece preservada e difundida para as novas gerações. Cestari et al. (2016) argumenta que, embora tenham sido verificadas intervenções externas na produção, essas práticas preservam traços de saberes herdados dos ancestrais, isto é, um conhecimento secular na localidade. Em outra publicação, os

mesmos autores apontam que a ordenação católica Carmelita (que se estabeleceu no local para doutrinar e explorar) mantinha no local um espaço de produção artesanal de artefatos cerâmicos voltados para a construção civil e, por mais de três séculos, essa prática foi a base do desenvolvimento local, proporcionando renda e qualidade de vida aos moradores de Itamatatuiua (CESTARI et al. 2014). Por fim, na maioria das publicações analisadas (referenciadas ao longo deste), percebe-se uma ênfase nos aspectos técnicos que envolvem a cadeia de operação do fazer ancestral como elemento cultural que caracterizaria a identidade do Itamatatuiense: o festejo de Santa Teresa de Ávila, as rodas de Tambor de Crioula e os conhecimentos de medicina tradicional, benzimentos e outros reconhecidos como produção cultural em plano imaterial (CESTARI et al. 2014).

**A cerâmica artesanal no quilombo de Itamatatuiua - Alcântara, Maranhão:** Historicamente, a prática cerâmica em Itamatatuiua passou fundamentalmente por três momentos: inicialmente, a produção ocorria na olaria Carmelita e finalizou com a saída da ordem religiosa da localidade; em seguida, passou a acontecer nas casas das artesãs, e, por último, a tornou-se coletiva, sendo realizada num local, atualmente, conhecido como Centro de Produção de Cerâmica de Itamatatuiua (CESTARI et al. 2016). Pereira Junior (2011, 2012) discorreu que não há como afirmar se a manufatura cerâmica ali já existiria desde a presença da olaria antiga ou se iniciou antes dos Carmelitas chegarem a região; pois o que se verificou indubitavelmente foi que já haviam negros aquilombados ali que dominavam a técnica (documentos oficiais mencionam os quilombolas de Itamatatuiua) e a memória oral dos moradores também os vinculam como “o povoado com a cerâmica”. Não obstante, a produção permaneceu após o domínio dos religiosos e ganhou dinâmica própria na comunidade: as grandes olarias foram substituídas pelas menores, cujas unidades produtivas tornaram-se familiares, destinadas a suprir a demanda local e dos povoados próximos. Inclusive, a cerâmica utilitária passou a ser uma manufatura produzida individualmente, quase que exclusivamente feminina, até a criação de uma Associação com apoio para a construção do Centro de Produção, no ano de 2005 (PEREIRA JUNIOR, 2009).

Com o deslocamento da produção coletiva para a familiar e a influência das relações sociais e econômicas, ocorreu ali uma dinâmica própria, com as trocas de dias de trabalho entre as mulheres na feitura de suas peças para um associativismo presente entre as comunidades tradicionais (PEREIRA JUNIOR, 2011). Oosterbeek e Reis (2012) asseveram que a cerâmica de Itamatatuiua atua como uma expressão simbólica derivada do período em as terras estavam sob o domínio dos Carmelitas, cuja prática ainda permanece sendo ensinada por meio da oralidade – de mãe para filha, de avó para neta, de irmã para a irmã – e que representa a manutenção de uma tradição que se ressignifica com o passar dos anos, mesmo perdendo as tipologias originais. Trata-se, portanto, de uma prática tradicional e secular comprovada em documentos oficiais que relatam os bens da ordem carmelita no final do século XIX. Silva et al. (2018) argumentam que, com a chegada da eletricidade, a distribuição de água dos poços artesianos e a popularização do plástico, perceberam-se mudanças na produção. Pereira Junior (2011) pontua que, nos dias atuais, a cerâmica de Itamatatuiua é uma tradição local, cuja técnica de produção permitiu ao longo do tempo que ela se diferenciasse, funcionando como um marcador cultural importante, identificada e valorizada nos diferentes lugares onde é comercializada (FILHO, ANDRADE, 2012).

**Discussões: os elementos técnicos e tipológicos presentes na cerâmica de Itamatatuiua:** A etnografia arqueológica, método utilizado para o entendimento do fazer tradicional das ceramistas, levantou a hipótese sobre as origens deste ofício com a conclusão que ocorreu de modo factível, referendada por um documento histórico descoberto no Arquivo Histórico Ultramarino (a partir de um ofício datado de 01 de setembro de 1769, no qual o Governador da Capitania do Maranhão, Joaquim de Melo e Póvoas, encaminha ao Secretário de Estado dos Negócios do Reino, Sebastião José de Carvalho e Melo, louça indígena da região de Alcântara, vidrada com

resina proveniente do jutaí, para análise (AHU\_CU\_009, Cx. 43, D. 4262). Somaram-se a isso, as características relacionadas ao uso das matérias-primas, processamento e a forma de elaboração das cerâmicas - potes, tigelas e peças maiores - neste contexto, os dados da etnografia arqueológica consubstanciados com a pesquisa de campo demonstram que não se pode duvidar da influência indígena na construção do saber cerâmico em Itamatatuiua, essa influência também é percebida nas denominações de produtos, nos gestos técnicos, nas formas e tecnologia de elaboração das vasilhas a partir do uso da técnica roletada - que consiste na sobreposição dos roletes para sua posterior obliteração. Evidentemente, o contato com o colonizador europeu deixou marcas no fazer cerâmico em Itamatatuiua, especialmente na de queima em fornos fechados que ocorrem no Centro de Produção - fato que contrasta com a queima realizada pelos povos indígenas no Brasil - a céu aberto. Contudo, umas das principais características da cerâmica utilitária europeia é o uso do torno e este nunca foi incorporado ao fazer cerâmico local. Em relação a utilização de matérias-primas oriundas do conhecimento indígena, cita-se a resina de jutaí (descrita no documento do século XVIII). A *jutaica* (Figura 1) é uma resina derivada da árvore do jutaí (*Hymenea courbaril* L.), conhecida também como jatobá, jatobazeiro, copal, jari, jataí, jutaí, jutaí-açu. Os produtos do *jutaí* são utilizados por várias etnias indígenas e povos tradicionais amazônicos bem antes da colonização europeia. Os derivados dessa espécie são utilizados como alimento, na medicina tradicional, queimado como incenso ou na construção de casas e canoas. Todavia, um dos produtos mais apreciados pelas ceramistas é a resina extraída do tronco por meio de incisões, a seiva que escorre dessas fissuras, de modo imediato, é conhecida como “copal do Brasil”. Ela se apresenta de diferentes tonalidades e é utilizada para acabamento das vasilhas cerâmicas, pois garante maior durabilidade pelo fato de impermeabilizar e “vitrificar” a peça.



**Figura 1. Jutaica ressecada para selagem da peça. Foto: Bandeira, 2018**

As ceramistas de Itamatatuiua pararam de utilizar a *jutaica* no processo produtivo, conforme narrado por D. Canuta de Jesus, que informou que “as louceiras mais velha tinha jutaica em casa, e passava nas tigelas de beber juçara. Muitas louceiras de Alcântara também, mas já morreram” (*sic*). Apesar do abandono dessa técnica (que remete ao conhecimento indígena), as ceramistas mais experientes conhecem e sabem processar, utilizar a resina do jutaí, inclusive por trocas culturais com núcleos ceramistas de áreas próximas, como as “Anas Louceiras de Porto do Nascimento”, da cidade de Mirinzal, Maranhão, distante de Itamatatuiua cerca de 150km, cuja técnica ainda é utilizada conforme ilustrado nas Figuras 2 e 3. As vinculações históricas entre o conhecimento indígena e o modo de fazer cerâmica em Itamatatuiua não se limitam ao uso da *jutaica* para o acabamento das peças. Acompanhando a feitura de alguns recipientes, vê-se que a maioria das peças é feita com o barro misturado com areia fina e também, na mistura do barro misturado com um pó de cinza pilado escuro. D. Neide de Jesus informa os

pesquisadores que o uso de uma outra matéria-prima valiosa no processo de elaboração das panelas, frigideiras e fôrmas que vão ao fogo, num processo de aquecimento e resfriamento, prevenindo rachaduras, resultando também em uma forte resistência física e térmica. Essa cinza advém da queima da casca da árvore do *itaquipé* ou *taquipé*, cuja casca é rica em sílica da família Rutaceae, da espécie *Metpodorea sp.* Em Itamatatiua, mapeou-se essa retirada nas matas da Chã do Meio, distante do local de produção cerca de 5km (Figura 4). Na retirada do *itaquipé*, acompanhou-se D. Neide de Jesus, D. Heloisa de Jesus e D. Ângela de Jesus, que atuam também como guardiãs dessa floresta. Segundo essas ceramistas, é proibida a queimada e a roçagem nas áreas onde existem o *itaquipé*.



Figura 2. Selagem da peça com jutaica. Foto: Bandeira, 2018



Figura 3. Peça após a aplicação da resina. Foto: Bandeira, 2018

Existem dois tipos de árvores de *itaquipés* indicados pelas ceramistas: uma delas é de pequeno porte, com o tronco mais fino e acinzentado; a outra, mais rara, de maior porte e com o tronco mais grosso (a mais usada pelas ceramistas), para tanto, a árvore é tombada (Figura 5) e permanece na mata por 12 meses, até que a casca (Figura 6) possa se soltar com facilidade. Dentre as ceramistas de Itamatatiua, apenas quatro, D. Neide de Jesus, D. Heloisa de Jesus e D. Maria de Lourdes de Jesus (Pirrixi) e Dona Canuta, dominam o processamento da casca do *itaquipé* e o seu uso nas vasilhas cerâmicas<sup>1</sup>.

O processamento do *itaquipé* consiste, primeiramente, na queima das cascas secas (Figura 7), para em seguida pilar as cinzas em um pilão até que ganhe a consistência de um pó (Figura 8).

<sup>1</sup> No Mapeamento Cultural feito por Araújo (1990, p. 71), a autora também registrou o uso do *Itaquipé* em outras comunidades de Alcântara, conforme citado: “outro componente, necessário para esse trabalho, é o *taquipé* – mais precisamente a cinza da casca de uma árvore com esse nome, que se encontra nas matas e nas roças. Nas roças, o *taquipé* é recolhido após a queimada; cinzas que, juntando-se ao barro, produzem uma massa sólida, com uma textura adequada para o posterior assamento”.

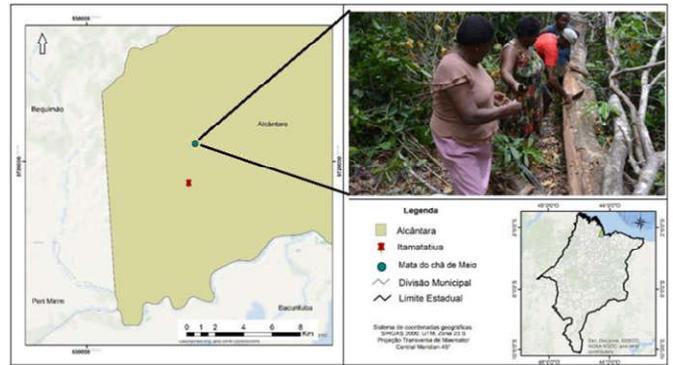


Figura 4. Mata do Chã de meio – local da extração do *Itaquipé*. Foto: Bandeira, 2018



Figura 5. Árvore do *itaquipé* com a cascas se despreendendo do caule. Foto: Bandeira, 2018



Figura 6. Cascas do *itaquipé* após a coleta. Foto: Bandeira, 2018

Um dos aspectos mais relevantes que se observa na etnografia arqueológica, em Itamatatiua, reside na técnica de modelamento dos vasilhames. A forma das peças cerâmicas, especialmente as maiores, são realizadas pela sobreposição de roletes, cordas ou serpentinas, também denominada de “técnica roletada”, já observada por Lima (1986), quando constatou em suas análises sobre a técnica roletada:

[...] a confecção de vasilhames entre os índios no Brasil obedece, em linhas gerais, a uma mesma sequência operacional, salvo pequenas variações de caráter local. A técnica utilizada por praticamente todas as tribos ceramistas é a do acordelado, que consiste na superposição de roletes feitos de argila a partir de uma base, em forma de anéis ou espiral” (LIMA, 1986, p. 174).

A cadeia operatória para a estruturação das louças em Itamatatiua assemelha-se bastante ao já observado entre povos indígenas (LIMA, 1986; SILVA e GARCIA, 2015).



Figura 7. Pilagem do *itaquipé* queimado. Foto: Bandeira, 2018



Figura 8. Cinza do *Itaquipé* queimado e pilado. Foto: Arkley Bandeira, 2018



Figura 10. Roletes prontos. Foto: Bandeira, 2019



Figura 11. D. Neide de Jesus realizando a sobreposição dos roletes. Foto: Bandeira, 2018

Primeiramente, os roletes são elaborados com a fricção das mãos sobre uma massa de barro em movimentos pendulares (vai-e-vem) (Figura 9), até se obter as serpentinas, que variam de acordo com o tamanho da peça que será feita, elas são colocadas para descansar sobre a “mensaba”, uma espécie de esteira de palha do babaçu (Figura 10).



Figura 9. D. Domingas de Jesus (Duduí) elaborando seus roletes. Foto: Bandeira, 2019



Figura 12. Sobreposição dos roletes quase finalizada por D. Neide de Jesus. Foto: Bandeira, 2018

Após a elaboração dos roletes, as ceramistas forram o local em que será preparada a peça com folhas ou areia e iniciam o erguimento da louça; a base circular é moldada com massa de argila (Figura 11); os roletes são sobrepostos até o tamanho desejado para depois se unir, por pressão e alisamento, desaparecendo toda a rugosidade (Figura 12).

Na próxima etapa, a peça é finalizada, com o devido acabamento e tratamento de superfície das peças. Esses objetos remetem à tecnologia indígena presente na manufatura cerâmica, a exemplo das cuias - denominadas localmente pelas ceramistas de *cuipeua* ou *cuiaipeua* - (Figuras 13 e 14), ambas derivadas da língua do tronco linguístico Tupi-Guarani, das expressões *KŪIA*, fruto da cueira ou *KŪIA* – ‘*BÁ* – “cabaça partida ao meio” (CARVALHO, 1987). As cuias foram incorporadas no processo produtivo de Itamatatuiua desde tempos imemoriais, conforme informou D. Dominas de Jesus, que lembra “das louceiras já usando a cuiá”.



Figura 13. Artefatos utilizados na manufatura: cuia, coquinho de anajá, sabugo de milho e cabaça. Foto: Bandeira, 2018

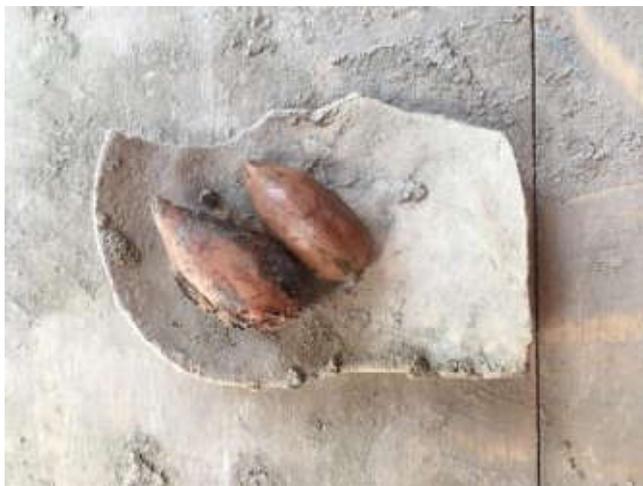


Figura 14. Coquinhos de anajá e um fragmento de cuia para alisamento das peças. Foto: Bandeira, 2018

Ainda, além da *cuipeua*, utilizada para alisar as paredes das vasilhas, outros elementos observados foram os coquinhos da palmeira de *anajá* ou *inajá* (*Attalea maripa*) (Figura 15), espécie local, cujo coco, após alisado, lustra a peça (Figura 16) antes da queima.



Figura 15. Alisamento da superfície de um vaso com a utilização da *cuipeua*. Foto: Bandeira, 2018



Figura 16. D. Domingas de Jesus polindo as peças com o coquinho de anajá. Foto: Bandeira, 2018

## MÉTODOS

O artigo iniciou-se com estudo de referencial teórico basilar para conhecer o tema (a partir de autores como Cestari, Pereira Junior, Oosterbeek e Reis, Silva e Garcia) e na tentativa de trazer respostas aos questionamentos apresentados. Tendo em vista o caráter interdisciplinar em que os pesquisadores, docentes, discentes, bolsistas estão inseridos (arqueólogos, turismólogos, museólogos; historiadores, gestores públicos, jornalistas, docentes, discentes), partiu-se para uma pesquisa etnográfica, de campo com registros fotográficos, de mídias diversas, coleta de dados e conversas com as ceramistas mais antigas da região, a fim de conferir um estudo atualizado e verídico ao caso.

### Thanks

We would like to thank Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CASPES) for funding this article through Edital CNPq Nº 09/2020 - Bolsas de Produtividade em Pesquisa – PQ 2020, Processo: 304537/2020-9 - Categoria/Nível: 2, as well as all colleagues from the Graduate Program in Culture and Society, students and professors involved in this research article.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diferentes fontes documentais apresentadas compõem um arcabouço de evidências documentais, linguísticas, históricas, etnográficas e arqueológicas, que em conjunto apontam para uma possível ancestralidade indígena se não na totalidade, mas em grande parte do processo produtivo da cerâmica em Itamatatiua, fortalecendo a hipótese de uma origem ameríndia ainda mais antiga que influenciou o modo de fazer cerâmica. Diante do exposto, arguimos que o modo de fazer cerâmica em Itamatatiua se assemelha bastante à tecnologia indígena brasileira, principalmente pelo uso da sobreposição de roletes e o uso de matérias-primas típicas das florestas tropicais amazônicas, tal assertiva é relevante, visto que atualmente, não existem populações indígenas autorreconhecidas ou oficiais em Alcântara. Logo, esses indícios vêm indicando fortes relações afro-indígenas que foram construídas ao longo dos séculos e que estão perpetuadas nos fazeres, modos de ocupação do território, uso do espaço e tecnologias de cerâmica, cestaria, dentre outros, bem como no universo simbólico e nas religiosidades. Apesar de não se possuir, até o momento, evidências mais concretas de contatos diretos entre as populações indígenas e os primeiros habitantes que ocuparam Itamatatiua à época dos empreendimentos Carmelitas, os dados apresentados permitem confirmar que as trocas culturais e de conhecimentos técnicos se deram, possivelmente, por meio de intercâmbios, migrações, casamentos, difusão ou outros mecanismos de interação.

## REFERÊNCIAS

- Araújo, M. R. (1990). Breve memória das comunidades de Alcântara. São Luís: SIOGE.
- Carvalho, M. R. (1987). Dicionário tupi (antigo). Salvador.
- Cestari, G. A. V., M. J. S. Guimarães, L. B. Caracas, D. M. S. (2014). Saberes tradicionais e interações na produção de artefatos cerâmicos na comunidade Quilombola de Itamatatiua – MA. *Estudos em Design* 23, pp. 84-95.
- Cestari, G. A. V.; L. B. Caracas, D. M. S. (2016). Artesanato tradicional, design e sustentabilidade: com a palavra quem produz cerâmica em Itamatatiua. *Strategic Design Research Journal* 6, pp. 84-94.
- Filho, B. S., Andrade, P. M. (2012). Patrimônio imaterial de quilombolas – limites da metodologia de inventário de referências culturais. *Horizontes Antropológicos* 38, pp. 75-99.
- Furtado, M. L. S. (2018). Aquilombamento contemporâneo no Maranhão: um rio grande e possibilidades e suas barragens. São Luís: EDUEMA.
- Júnior, D. P. (2009). Tradição e Identidade: a feitura de louça na construção da identidade da comunidade de Itamatatiua Alcântara – Maranhão. [Especialização]. Universidade Estadual do Maranhão, Brasil.
- Júnior, D. P. (2011). Tradição e identidade: a feitura de louça no processo de construção de identidade da Comunidade de Itamatatiua - Alcântara - Maranhão, in *Insurreição de saberes: práticas de pesquisa em comunidades tradicionais*. Editado por C. C. Martins et al., Manaus: Universidade do Estado do Amazonas, pp. 20-52.
- Júnior, D. P. (2012). Territorialidades e identidades coletivas: uma etnografia de Terra de Santa na Baixada Maranhense. [Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia]. Universidade Federal da Bahia, Brasil.
- Lima, T. A. (1986). Cerâmica indígena brasileira, in: *Suma Etnológica Brasileira - Tecnologia Indígena*. Editado por D. Ribeiro. Petrópolis: FINEP/VOZES, VOL. 2, pp. 173-229.
- Oosterbeek, L.; Reis, M. G. Terras de Preto em Terras da Santa: Itamatatiua e as suas dinâmicas quilombolas. *Cadernos de Pesquisa* 19, 2012, pp. 7-15.
- Silva, F. A., Garcia, L. V. (2015). Território e memória dos Asurini do Xingu: arqueologia colaborativa na T.I. Kuatinemu, Pará. *Amazônica* 7, pp. 74-99.

\*\*\*\*\*